

## O valor da obra de arte

luis.sandes@gmail.com

---

por Luis Fernando Silva Sandes  
mestrando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

Alain QUEMIN, Ana Letícia Fialho e Angelica de Moraes (orgs.). *O valor da obra de arte*. São Paulo: Metalivros, 2014, 238 páginas.

O livro *O valor da obra de arte* é uma iniciativa não acadêmica sobre um tema caro a leigos, atores do meio artístico e acadêmicos, expresso em seu título. Isto é, tanto o valor artístico como o mercadológico da arte. A obra surge após anos de pujança da economia brasileira e de um crescente interesse estrangeiro por artistas nacionais. A análise de seus conteúdos é essencial para se pensar a produção das artes visuais contemporâneas, não apenas no Brasil.

A editora, Metalivros, é especializada em projetos institucionais e fotografia; assim, este é propriamente seu primeiro livro sobre artes. A obra começou a ser desenhada por meio do contato do proprietário da casa editorial, Ronaldo Graça Couto, com o artista Dudi Maia Rosa, o que deu início a indicações que formaram a seleção dos sete participantes do livro.

A capa da edição é instigante: reproduz-se uma edição da série *Árvore do dinheiro*, de 1969, de Cildo Meireles. Trata-se de um maço de notas de mil cruzeiros envolto por elástico, sobre uma pequena base. Uma etiqueta dizia a quantidade de cédulas, seus valores de face e o preço da obra, dezenas de vezes maior do que o resultado da simples multiplicação. Estão entrevistas ali diversas questões do livro.

O volume se inicia com texto do sociólogo francês Alain Quemin. Em seu artigo, ele toma como base o caso francês para analisar a evolução da arte sob o viés do mercado. Quemin parte da divisão das artes plásticas francesas na década de 1980 em três segmentos encontráveis em outros países.

O primeiro é o infra-artístico, marcado por se aproximar mais dos bens de consumo do que dos artísticos. Os outros dois segmentos se encontram no polo mais legítimo do mercado de arte. O primeiro é o da arte antiga: estável, foi sedimentado pelas sucessivas gerações de artistas e de instituições que lhe conferem importância. Já o segundo, o mercado de arte contemporânea, se distingue pela incerteza de valor, tanto estético quanto financeiro. Aqui, o principal trabalho é o de dar status de arte às obras. Além disso, é de especial importância o selo de contemporâneo, que cobre apenas parte da produção atual. O livro como um todo trata apenas de arte contemporânea do polo mais legítimo.

Após abordar esses três segmentos, o sociólogo aponta dados de venda de arte ao redor do mundo e algumas tendências, sendo a internacionalização uma das principais. Ele destaca a mudança dos países que mais comercializam arte: em 2011, a China assumiu o primeiro lugar do ranking de vendas em casas de leilão, deixando os Estados Unidos em segundo. Estes eram os primeiros há décadas, seguidos pela Grã-Bretanha. Quem termina registrando a persistência de hierarquização entre os países e a dominância de alguns poucos.

O segundo capítulo é um artigo acadêmico de Ana Letícia Fialho intitulado "Expansão do mercado de arte no Brasil: oportunidades e desafios". A autora, pesquisadora e gestora das artes, analisa o mercado de arte brasileiro nos anos 2010, em especial as influências mútuas entre mercados interno e externo. Fialho ressalta que o cenário favorável de então ensejava a superação do descompasso, nas artes, entre as instituições, os produtores e o mercado. Sem esse progresso, mercado e produção se tornariam insustentáveis.

Em um corte abrupto, devido ao fim dos artigos acadêmicos, surge texto autoral de Angélica de Moraes, a jornalista e curadora responsável por escolher e entrevistar as quatro pessoas na sequência. Nele a autora sustenta o caráter duplo das obras de arte: tanto objeto como conceito.

No capítulo seguinte, o entrevistado é o artista brasileiro Cildo Meireles, cuja obra é permeada pelo tema do valor da arte. Ele afirma que, nos anos 1960, o mercado de arte era uma abstração e que a maior preocupação de sua geração era a de realizar obras

reproduzíveis. Nessas obras, as instruções de realização da obra eram mais importantes do que os resultados físicos; dessa maneira, o lugar delas seria a memória do público. Com isso, Cildo se diz mais interessado em público do que em mercado.

A próxima entrevista é com Tadeu Chiarelli, professor, crítico e historiador de arte que cumpriu um mandato, até 2014, como diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Ali o grande desafio foi a transferência do acervo do museu para sua nova sede. Para o crítico, o museu está na esfera cultural, não na do mercado — ainda que reconheça que o mercado se vale da chancela do museu.

Na sequência, o entrevistado é João Carlos de Figueiredo Ferraz, empresário do agribusiness e colecionador de arte contemporânea. Em 2011, inaugurou, em Ribeirão Preto (SP), um instituto que leva seu nome para acolher sua coleção de mais de mil obras, que só depois seria aberta ao público. Instado a falar sobre o valor da arte, o empresário conta que sempre é questionado sobre quanto custou construir a coleção, para dizer que ela seria um patrimônio da humanidade e que seu custo seria o dos anos de olhar obras.

A última entrevistada é um nome fundamental no processo de profissionalização e internacionalização das galerias de arte brasileiras: Luisa Strina, proprietária de galeria homônima. A respeito das exposições em sua galeria, a galerista afirma estar preocupada em fazer uma ação institucional, e não com o mercado. Admite, porém, que os frutos com o mercado vêm depois. Ela faz ressalvas a pessoas e instituições que compram arte com o objetivo de investir, mas reconhece que a arte é uma forma de o capital se refugiar.

No todo, as entrevistas são conduzidas sem mestria, com uma fatigante tentativa de conquistar o leitor. De qualquer modo, a entrevistadora tem domínio sobre os temas e faz com que os entrevistados discorram sobre tópicos importantes.

Tanto o mercado hispanófono como o brasileiro carecem de livros que vão além da abordagem filosófica, do ponto de vista autobiográfico ou do viés mercadológico ao tratar do valor em arte. Esse livro traz múltiplas vozes, sendo todas analíticas, cada uma à sua maneira.

Além disso, o que se ressalta nele é estar mantida a unidade de conteúdo, nem sempre presente em livros com muitos autores. Por outro lado, a homogeneidade formal

não foi mantida: os textos de caráter acadêmico não foram adaptados. Apresenta-se um material rico para se analisar os fatos, os falseamentos, ardis e mecanismos de funcionamento do sistema de arte contemporânea brasileira. Mesmo após três anos do lançamento do livro, sua leitura continua sendo recomendada.